

Everardo Backheuser e a geopolítica nos jornais: uma análise das primeiras publicações sobre o tema no Brasil

DOI: 10.544446/bcg.v13i1.3013

Caio Cursini¹

Resumo

Everardo Backheuser foi um dos principais percursores do pensamento geopolítico brasileiro. Suas formulações reverberam até os dias de hoje, fundamentando análises sobre a conjuntura política e territorial do país. Entretanto, têm sido raros os debates sobre como a geopolítica foi incorporada ao debate público. Este artigo tem o objetivo de redescobrir as colunas escritas por Backheuser nos principais jornais do Rio de Janeiro durante o ano de 1926, pouco antes do lançamento de sua principal obra, "Estrutura política do Brasil". Para realizar tal análise utilizamos a hemeroteca digital, vinculada à Fundação Biblioteca Nacional, além da bibliografia do autor. A análise evidenciou que a geopolítica brasileira, apesar de compor os debates acadêmicos, também foi incorporada aos principais jornais do país na década de 1920.

PALAVRAS-CHAVE: geopolítica, jornais, Backheuser, geografia, política.

1 Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB) e graduado em Geografia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: caio_cursini@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4096-8513>.

Introdução

Geopolítico carioca, Everardo Adolpho Backheuser nasceu em Niterói no ano de 1879. Autor de referência no campo da geopolítica, também teve destaque no âmbito da pedagogia e da geografia brasileira no início do século XX, em função das suas leituras das obras de *Friedrich Ratzel* e *Rudolph Kjellén* e posterior produção dos primeiros escritos da geopolítica brasileira. Neste âmbito, portanto, Backheuser notabilizou-se como um dos percursores da geopolítica no Brasil (MIYAMOTO, 1995). Ainda que com algumas discordâncias do ponto de vista da inauguração do pensamento geopolítico no país, é consensual que, fora do país, esta se deu no início do século XX, motivada pelos debates de Rudolphe Kjéllen e Friedrich Ratzel na Europa. Leitor destes autores, Everardo Backheuser buscou estabelecer no Brasil uma perspectiva geopolítica nacional.

Inserida no Brasil, a geopolítica não se ateu somente aos campos acadêmicos, mas pouco a pouco se popularizou e ganhou projeção no debate público, sendo inclusive matéria dos principais jornais no país. Os jornais, principais meios de comunicação no início do século XX, passaram a veicular pequenos chamados para os estudos de Everardo Backheuser, professor já bastante conhecido nos círculos acadêmicos do Rio de Janeiro. A primeira menção sobre a geopolítica no país através dos jornais de grande circulação foi em 9 de março de 1924, no *Correio da Manhã*, em uma pequena coluna que exaltava as conferências de Otto Maul e a ligação do geógrafo alemão com o Brasil².

Pouco tempo depois, Backheuser passou a figurar como precursor da geopolítica no Brasil, anunciando já no primeiro semestre de 1926 o curso “A estrutura geo-política no Brasil”³, a ser ministrado na Associação Brasileira de Educação (ABE) no Rio de Janeiro⁴. Para além do desenrolar do curso, o que vamos perceber ao longo das colunas de alguns jornais de grande circulação no país é que o discurso da geopolítica passou a ganhar corpo e notoriedade.

Introduzido por Everardo Backheuser nas discussões jornalísticas, o termo “geopolítica” começou a ser difundido no país, ainda que com certa resistência. Nos anos seguintes, seria comum encontrar nos jornais brasileiros alguma coluna dedicada à análise da conjuntura geopolítica mundial ou nacional. Derivada de uma leitura bastante mecanicista de Kjéllen e Ratzel, como observa Miyamoto (1995), a geopolítica brasileira surge em âmbito nacional arraigando-se nos círculos acadêmicos, políticos e militares.

2 Otto Maul foi um geógrafo e geopolítico alemão, bastante conhecido nos meios geopolíticos brasileiros e ganhou notoriedade pelos estudos desenvolvidos no Brasil, como *Die Geomorphologische Grünzüge Mittel-Brasiliens* de 1928.

3 O nome do curso era escrito com a inserção do hífen entre “geo” e “política”.

4 A Associação Brasileira de Educação foi fundada em 1924 e definida como uma instituição civil na qual participavam de seus debates professores e demais interessados em educação. Para mais informações ver <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/associacao-brasileira-de-educacao-abe>>.

Neste artigo, realizamos uma análise dos escritos sobre geopolítica de Everardo Backheuser, tendo como intuito o resgate dos primórdios da geopolítica brasileira, redescobrimo e analisando de forma inédita seus artigos escritos em quatro jornais durante o ano de 1926 e 1927. Também realizamos uma análise de sua principal obra, intitulada de *A estrutura política do Brasil*, considerando-a fundamental para a compreensão dos seus próprios artigos nos diários cariocas e da sua concepção de geopolítica.

A análise foi realizada a partir da triagem dos artigos constantes do acervo da hemeroteca digital, disponível na Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Para a seleção das colunas sobre a geopolítica brasileira foram utilizadas as ferramentas de seleção do próprio site. O artigo foi dividido em duas partes: a primeira em que analisamos as influências e formulações geopolíticas do autor, e um segundo tópico no qual realizamos a análise dos artigos jornalísticos referentes à divulgação do curso de geopolítica de Backheuser e colunas sobre geopolítica no ano de 1926.

Everardo Backheuser e os primórdios da geopolítica brasileira

Datar o surgimento da geopolítica no Brasil é uma tarefa complexa, em termos, o uso da palavra “geopolítica” surgiu esporadicamente, figurando em alguns jornais do país no início do século XX. Ainda que de modo geral possamos conectar o termo “geopolítica” aos escritos de Ratzel (1897) em *Geographie Politische* ou de Rudolph Kjéllen (1916; 1917; 1921) em suas diversas obras, tende-se a encontrar dificuldades no estabelecimento de uma data inaugural da geopolítica.

Tendo Kjéllen como precursor do uso do termo “geopolítica” no mundo, como destaca Amusquivar e Passos (2018), a geopolítica ganhou lastro conceitual com a produção bibliográfica deste cientista político e geógrafo sueco, principalmente com a publicação da obra *Der Staat als Lebensform* em 1924.

A geopolítica, tal como destaca Kjéllen e posteriormente também compreendida assim por Haushofer, conecta o Estado a uma condição orgânica do território. Assim, para Kjéllen,

os Estados são seres conscientes e racionais como o homem. [...] interesses, preconceitos, instintos e, sobretudo, o instinto de conservação, a vontade de crescer, a vontade de viver e a vontade de poder determinam a vida das nações. (KJÉLLEN *apud* SILVA, p. 28, 1981)

Essa percepção da geopolítica torna-se importante na medida em que Everardo Backheuser se demonstra adepto a ela, destacando que “a geografia não é apenas a geografia física, como não é apenas a geografia humana. A geografia é a ligação estreita e indissolúvel entre o solo e o homem” (BACKHEUSER, 1926a, p. 34). Backheuser dedica na sua obra *A estrutura política do Brasil* um capítulo a Kjéllen, observando as definições de geografia política e geopolítica e afirmando que esta

última é “mais do que a geografia política de Ratzel, porque definitivamente incorporada à política, vem a construir um dos ramos, quiçá, o ramo fundamental dessa nobre e elevada ciência” (BACKHEUSER, 1926a, p. 44).

As ligações do autor carioca com as ideias de Kjéllen influenciaram fundamentalmente os seus escritos e foram determinantes para a construção de um discurso geopolítico que procurava compreender, junto ao meio, as causas e, também, as possíveis soluções para os problemas nacionais. À geopolítica era adicionada certa perspectiva estratégica, na medida em que conhecer as características do território nacional possibilitava a tomada de decisões a nível de Estado. Nesse sentido, Backheuser (1926a, p. 51) observava que

a política de um país que se faça apenas no ponto de vista social ou jurídico, desapojada do prévio exame da sua estrutura geopolítica e sem o permanente controle com a política dos demais países, ficará, portanto, desarticulada e falha.

Como destaca Costa (2008), ainda que demonstrando conhecimento geográfico e citando de Maull a Valloux⁵, Backheuser deixava explícita sua afeição pelas posições eugenistas e antifederalistas em suas obras, observando que

o tônico, no caso nacional, é o ‘sangue novo’ que por imigração selecionada – evitando rigorosamente os analfabetos e os infeccionados de moléstias contagiosas [...] Com a eugenia e com a educação da inteligência, e, portanto, também, com a educação da vontade conseguiremos dominar em parte, os efeitos do clima. (BACKHEUSER, 1926a, p. 64)

A formação do modelo de pensamento geopolítico de Backheuser, que deriva principalmente do ascendente nacionalismo e imperialismo europeu, convergiu no Brasil com a decadência do modelo regionalista e a ascensão da burguesia urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo. As influências teóricas germânicas das quais Backheuser frequentemente fazia referências elogiosas não deixavam dúvida em relação à afeição e à tentativa de adoção de um pensamento determinista com o objetivo de analisar os problemas econômicos, sociais e políticos do país na década de 1920. Aliás, pensamento este que não deixava de fazer parte de muitos círculos intelectuais no Brasil do início do século XX como pano de fundo para a análise dos problemas sociais e econômicos do país, como aponta Schwarcz (2005, p.170) – “análise evolucionista combinada a um leve determinismo racial funcionou como modelo de inevitabilidade, argumento autoritário que elidia a discussão sobre o conflito social”.

Eram também evidentes as preocupações do geopolítico, sobre hipóteses de secessão do território nacional, criticando veementemente as tendências

5 Camille Valloux, geógrafo francês, cuja obra é bastante conhecida nos debates da geografia política. Também possui obras de interesse sobre a oceanografia e a geografia regional, com ênfase nas discussões sobre as regiões francesas.

regionalistas que se consolidavam através do Norte e do Sul do país, colocando-as como “o grande problema autarco-político do Brasil: o desencontro de interesses econômicos e raciais entre o Sul e o Norte” (BACKHEUSER, 1926a, p. 122). Esta questão expunha as tendências antirrepublicanas do autor, que se expressava em colocações como: “a questão capital é que, para impedir os efeitos dessa diferenciação, nada se há feito nesses últimos tempos, senão acentuá-la com um regime político inadequado” (BACKHEUSER, 1926a, p. 123).

Para além de suas propostas centralizadoras e antifederalistas, Backheuser fazia com frequência apelos à superação dos “obstáculos ao desenvolvimento” do país através do incremento da educação, esta, inclusive, tendo a si atrelados os “esclarecimentos” provenientes da geopolítica, como se observa em um trecho de sua obra:

felizes ficaremos nós se um grémio do prestígio e autoridade da ‘Associação Brasileira de Educação’ se dispuser a pôr na ordem do dia dos seus estudos o problema da educação do nosso povo, por estes largos moldes que a geopolítica sugere. (BACKHEUSER, 1926a, p. 116)

A geopolítica do ponto de vista de Backheuser derivava das leituras do autor das obras de Friedrich Ratzel, assim como Kjéllen. Concentrava-se nas suposições entre as relações dos Estados e do meio, forçando análises da formação da sociedade em relação ao clima. Backheuser não deixa de tentar analisar os problemas do desenvolvimento econômico brasileiro apoiado nas formas neopositivistas em ascensão na Europa no início do século XX.

Partindo do pressuposto óbvio de que o Estado depende da existência do território e que este, por conseguinte, deve ser analisado à luz da geografia e das relações entre a sociedade e o meio, Backheuser estabelece, portanto, o papel da então geopolítica que irrompia no pensamento geográfico alemão. Possivelmente influenciado por seus liames com a política educacional do período, Backheuser era um dos idealizadores da chamada “Cruzada pedagógica pela Escola Nova”⁶. Assim, o geógrafo brasileiro propunha a geopolítica como um campo fundamental para a compreensão do Brasil em suas características territoriais, sociais, econômicas, demográficas e políticas.

Nesse sentido, destacando-se como professor da Cátedra da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Backheuser ganhava um espaço relevante nos meios políticos e jornalísticos da capital do país. Gonçalves (2018, p. 281) destaca, por exemplo, que “a relação de Backheuser com a Geografia e a Engenharia rendeu-lhe, certamente, notoriedade junto às elites políticas cariocas e à intelectualidade científica e técnica das respectivas áreas”.

6 Este movimento fez parte das discussões educacionais no Brasil entre os anos de 1927 e 1930 e tinha como principais lideranças Everardo Backheuser e sua esposa Alcínia Backheuser. O movimento estava no bojo da Reforma Fernando de Azevedo.

O recém-formulado pensamento geopolítico encontrava junto a Backheuser uma proposição que também derivava do envolvimento político e educacional do autor, uma vez que este não deixava de observar na geopolítica um campo do conhecimento que pressupunha o entendimento do território nacional a partir de uma perspectiva racionalista e com traços evidentemente deterministas, características estas já observados na obra de Santos (1989)

Para Costa (2008), mais do que Ratzel ou Kjéllen, a influência mais marcante no pensamento de Backheuser estava representada por Haushofer. Isso fica evidenciado na posição do brasileiro em saudar com entusiasmo o pangermanismo, mas também em transportar ideias de superioridade dos povos para o território brasileiro, como é recorrente em sua obra (BACKHAUSER, 1926).

Diante das linhas teóricas do autor em conjunto com as motivações educacionais com as quais Backheuser havia se envolvido ao longo da sua carreira, a geopolítica começava a surgir como protagonista em um dos cursos da Associação Brasileira de Educação (ABE). Esta instituição, fundada em 15 de outubro de 1924, tinha o intuito de difundir o conhecimento científico através de encontros, cursos e palestras (MASSARANI, 1998). A ABE, no final de maio de 1926 passava a divulgar em uma coluna do "O Jornal" do Rio de Janeiro um curso intitulado "A estrutura geopolítica do Brasil", curso este ministrado em 6 lições pelo professor Everardo Backheuser.

Os primeiros passos da geopolítica nos jornais do Brasil

Tendo sido divulgado em maio de 1926, o curso de Everardo Backheuser começava a surgir nos principais jornais do país, como *O Paiz*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*. Ministrado na segunda semana de junho de 1926, o curso sobre a estrutura geopolítica brasileira obedeceria ao seguinte programa:

I – A distribuição da população no nosso espaço habitável; II – Influência energética do clima na nossa diferenciação geopolítica. Problemas étnicos culturais; III – A capital: importância geopolítica da sua localização; IV – A divisão territorial: como é e como deve ser; V – Forças econômicas do Brasil em confronto com as riquezas similares do resto da Terra; VI – Federalismo e unitarismo, no ensino, na justiça, na ordem administrativa e política. O problema da organização e educação nacional. Esses 3 cursos serão iniciados no mês de junho⁷. (Associação, 1926a, p. 4)

Adiada para o início de julho de 1926, as conferências de Everardo Backheuser obedeceriam a uma linha teórica fundamentada pelo pensamento de Rudolph Kjéllen, autor que receberia longas linhas em uma coluna escrita pelo geopolítico brasileiro no jornal *O Paiz* do dia 15 de junho de 1926. Na coluna, Backheuser iniciava

7 A coluna se referia também a outros dois cursos, além daquele de Backheuser.

um debate sobre os percursos necessários ao Brasil para lidar com a educação e iniciava seu texto com o título “Educar é fazer imitar bons modelos”. O artigo representa bem a tentativa do autor em atrelar o pensamento geopolítico recém-fundamentado por Kjéllen aos direcionamentos das instituições educacionais no Brasil e, nesse sentido, a ABE teria o papel de “achar e indicar aos estudos dos demais consócios, exemplos dignos de útil imitação, [...] pondo em foco certas questões fundamentais, de acordo com os assuntos científicos em que se tenha especializado” (BACKHEUSER, 1926b, p. 2).

Ainda que possa ter caráter retórico, o trecho é significativamente importante para a história da geopolítica, na medida em que atesta que a fundação desse campo de estudo se assentava declaradamente sobre um viés transportado dos pensadores europeus em ascensão, como no caso de Kjéllen. Para além desse fato, Backheuser, tal como pontuava Kjéllen, também indicava a geopolítica como “a mais recente ramificação das ciências sociais, cujo sintético e expressivo nome devemos ao esclarecido espírito do ilustre norueguês Kyellen⁸” (BACKHEUSER, 1926b, p. 2).

Em seguida a essa informação, Backheuser dá sequência ao que ele chama “estrutura geopolítica brasileira”, isto é, inicia-se uma análise das características geográficas brasileiras, apontando para o fato que

O Brasil é um país colocado no hemisfério austral; [...] as suas fronteiras internas são a bem dizer, inativas, sem que por elas se manifeste sobre a nação sensível coeficiente de pressão, exceto na zona meridional. (BACKHEUSER, 1926b, p. 2)

Esta primeira análise do autor sobre o território brasileiro indica um traço em comum com a geopolítica moderna. Torna-se evidente não somente a descrição do território nacional, mas principia-se a discussão entre o espaço e o poder. Também acompanha os escritos de Backheuser um traço que raramente deixou de fazer parte da geopolítica clássica brasileira: o do eugenismo e do racismo, explícito, por exemplo, em colocações como: “a população brasileira é constituída por gente nascida do caldeamento de raças e sub-raças” (BACKHEUSER, 1926b, p. 2).

Soma-se ainda à visão eugenista de Backheuser os aspectos do clima, observava o autor que

a educação do nosso povo se quisermos que ele consiga melhor classificação sob o ponto de vista eugênico, e para que acabe conseguindo dominar o clima inóspito que nos esmaga terá de ser feita nos moldes postos em foco pelas nações europeias. (BACKHEUSER, 1926b, p. 2)

A geopolítica então ingressava nas discussões do cotidiano político brasileiro, ao menos do ponto de vista jornalístico, partindo desses pressupostos discutidos por

8 Conservamos os erros de grafia e de origem do geógrafo Rudolph Kjéllen, que era sueco de nascimento e não norueguês, como escrito na coluna.

Backheuser, não deixando, sobretudo, de caracterizar o poder de um Estado como uma categoria intrínseca ao seu espaço.

No dia 06 de julho de 1926 seria anunciado, mais uma vez, tanto no *O Jornal* como no *Correio da Manhã*, o curso de Everardo Backheuser, com data no dia 09 de julho daquele ano, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, enfatizando, ambas as idênticas colunas dos jornais, os estudos do geógrafo sobre as relações “dos grandes problemas políticos nacionais [...] o conferencista encara-los-á à luz das modernas teorias políticas sociais do notável pensador sueco Rudolph Kjéllen” (Academias, 1926a, p. 6).

Finalmente, no dia 9 de julho ocorria a apresentação de Backheuser, sendo prestigiada “por um numeroso auditório” (Vida, 1926, p. 5), tendo entre os presentes o Ministro da Justiça e o reitor da universidade. Não tendo restrição de público, já que “todas as conferências são públicas não dependendo a frequência às mesmas de nenhuma formalidade” (Associação, 1926b, p. 2), o curso do geopolítico brasileiro havia ganhado alguma repercussão nos diários cariocas.

No dia 16 de julho seria divulgada a segunda conferência de Backheuser no mesmo local, destacando-se, agora sim, o início de fato do curso de geopolítica, já que a aula primeira havia sido somente uma apresentação inaugural daquilo que se compreendia como geopolítica. Destacava-se como assunto da segunda palestra “questões referentes ao ‘espaço’ e à ‘forma’ do Brasil e a importância que têm essas noções para orientação da política prática, não só interna como, principalmente, exterior, do nosso país” (Associação, 1926c, p. 2).

A terceira conferência, ocorrida no dia 23 de julho de 1926, abordaria “as vantagens e desvantagens do ‘espaço’ no Brasil, e, se houver tempo, o orador estudará também ‘a divisão territorial que mais convém ao nosso país’” (Cursos, 1926, p. 6). Provavelmente, por não ter havido tempo suficiente, a quarta conferência realizada na semana seguinte teve como tema “a divisão territorial do Brasil no passado e no presente, (abordando) a questão da mais conveniente divisão para o futuro” (Academias, 1926b, p. 8).

Ainda no dia 6 de agosto ocorreria a quinta conferência de Backheuser, que versaria sobre “o estudo do ‘espaço’, devendo ocupar-se o orador do que ele denomina, o centro de gravidade do sistema geopolítico do Brasil” (Associação, 1926d, p. 2). A partir da sexta conferência, iniciou-se uma série que enfatizava os problemas geopolíticos brasileiros, relacionando-os à

situação geográfica do nosso país, (de modo que,) na conferência de hoje [...] Backheuser fará exposição da doutrina de Ratzel e das críticas a que tem dado lugar, explicando ao mesmo tempo a teoria denominada ‘grão de cultura’ e as suas aplicações no Brasil. (Associação, 1926e, p. 3)

Foram ainda ministradas mais três palestras: uma no dia 20 de agosto com o tema “os climas do Brasil e a influência energética dos mesmos sobre o brasileiro”

(Associação, 1926f, p.2) e outras duas com temas não divulgados nos jornais da época no dia 03 de setembro e o no dia 10 de setembro daquele mesmo ano, esta última sendo a do encerramento do curso. Ao que indicam as colunas dos jornais, o evento teve uma repercussão considerável, não somente durante os dias referentes ao curso, mas, sobretudo, posteriormente às conferências de Backheuser. A geopolítica havia ganhando o prestígio de um “curso de alta cultura”, como se aludiam os jornais às palestras do geopolítico brasileiro, e não tardaria para que “análises geopolíticas” comesçassem a figurar nos editoriais do país.

No dia 08 de outubro de 1926, por exemplo, Everardo Backheuser aparecia como autor de uma coluna do *O Jornal* com o título de “Civilizações e Climas Quentes – Retificação a um artigo do sr. Couto e Silva⁹ – tudo parece indicar que a civilização tenda a voltar as zonas tropicais” (BACKHEUSER, 1926c, p. 2). Diversamente dos curtos anúncios dos chamados para o seu curso de geopolítica na escola politécnica, a coluna agora veiculava um longo texto preocupado em analisar de fato a geopolítica brasileira.

A coluna expunha as considerações de Backheuser sobre a relação entre o clima e a disposição das sociedades, observando que “o assunto é daqueles que estão rigorosamente dentro do quadro de análise da antropogeografia” (BACKHEUSER, 1926c, p. 2). Destacando mais uma vez a participação de Kjéllen na reformulação de pensamento geográfico e criador da geopolítica, Backheuser partia para sua análise.

A coluna, além de relevante do ponto de vista histórico, é curiosa, na medida em que nela Backheuser reivindica o debate inaugural sobre a relação entre o clima e o desenvolvimento dos povos no país, adicionando ao tema a discussão sobre a geopolítica. Confrontando uma coluna de Couto e Silva de três dias antes¹⁰, em que este autor observava que o professor Álvaro Osório havia abordado a relação entre o clima e a civilização, destacando que “esses problemas nunca haviam sido encarados sob todos os seus aspectos entre nós” (BACKHEUSER, 1926c, p. 2), Backheuser argumentaria:

ora, a verdade é que os assuntos já estavam focalizados. Foi em virtude exatamente de ter eu trazido a questão para o tapete da discussão, prelecionando sobre eles naquela mesma tribuna, que o professor Álvaro Osório, aliás por prolongada insistência minha, se decidiu a trazer a valiosa contribuição de seus estudos. (BACKHEUSER, 1926c, p. 2)

A correção do autor não se dava por acaso. Ocorre que, assim como ele mesmo argumentava na mesma coluna, o assunto seria tratado em sua obra que

9 O referido Couto e Silva não é o mesmo conhecido geopolítico brasileiro Golbery do Couto e Silva.

10 Backheuser se refere a uma coluna de Octávio Barbosa de Couto e Silva, publicada no *O Jornal* no dia 05 de outubro de 1926 com o título de “A civilização e os climas quentes” (SILVA, 1926, p. 2).

estava por ser lançada. De fato, a *Estrutura geopolítica do Brasil* traria em uma de suas partes a abordagem sobre o clima e a civilização e, nas palavras do autor, “quem visse o artigo do sr. Couto e Silva e depois fosse ler meu volume tiraria a conclusão de que eu havia translado para meu trabalho as ideias e concepções do professor Álvaro Osório” (BACKHEUSER, 1926c, p. 2).

No dia 08 de dezembro daquele ano, sai mais uma coluna de Backheuser, agora realizando uma análise geopolítica. Esta coluna, foi senão a primeira, mas a mais consistente e longa matéria em que Backheuser se debruçou sobre a análise de parte do território brasileiro, no caso, em relação ao Espírito Santo. Nas linhas desta matéria, o geopolítico deslinda um pensamento que, embora já tivesse tomado formas em sua primeira obra daquele mesmo ano (BACKHEUSER, 1926a) agora ganhava os jornais do país.

Com o título de “A paisagem cultural no Espírito Santo”, o geopolítico brasileiro partia para uma discussão sobre a posição geográfica do estado, de modo que “os princípios da ciência geopolítica garantem uma posição proeminente ao Estado do Espírito Santo, no organismo nacional brasileiro” (BACKHEUSER, 1926c, p. 2).

O artigo sobre o estado brasileiro é relativamente longo e ocupava a parte central da segunda folha do jornal. As palavras de Backheuser sobre as condições geopolíticas do Espírito Santo destacavam as atividades econômicas, assim como a posição geográfica de Vitória no litoral brasileiro. Chama a atenção alguns destaques dados pelo autor em relação à alteração da paisagem local, já observando a transformação da paisagem natural pela chamada por ele “paisagem cultural”, termo emprestado do autor Otto Maul, o qual Backheuser faz referência na coluna.

Em termos geopolíticos, o autor brasileiro inaugura uma leitura do espaço geográfico bastante comum à geopolítica, ou seja, a descrição do espaço e a análise das relações entre a posição e o poder. A perspectiva de que o Espírito Santo se tornaria um estado protagonista do país pela sua posição geográfica não deixa de ressoar no imaginário geopolítico de Backheuser, que busca compreender o território a partir de uma suposta visão estratégica, congregando espaço e desenvolvimento econômico.

Exemplo disso é a perspectiva do autor ao verificar que para o Espírito Santo estão “reservados ainda melhores dias em um futuro mais remoto e mais empolgante. É que as vantagens da sua providencial posição geográfica não entrarão em aproveitamento com o só fato de cultivar café, cacau e cereais” (BACKHEUSER, 1926d, p. 2). Para o geopolítico, o estado federativo estaria situado em uma posição estratégica para escoar os produtos vindos do planalto central brasileiro, já prevendo a mudança da capital do país para uma área mais centralizada:

Quando isso se der – e isso se dará fatalmente – o planalto central terá no Espírito Santo – e mais especialmente no porto de Vitória – o escoadouro natural e espontâneo, porque é ele o que mais próximo fica para pôr o nosso ‘hinterland’ central em contato com o mundo. (BACKHEUSER, 1926d, p. 2)

Ao fazer essa observação, Backheuser também traduz certo determinismo ainda corrente nas análises geográficas, que buscam em previsões pautadas nas posições dos estados e países as condições determinantes para o desenvolvimento econômico ou estratégico. Na medida em que realiza a análise do estado do Espírito Santo, o geopolítico não deixa de vestir certo exagero que tal vício geopolítico geralmente resulta. Destaca, desse modo, que

o Espírito Santo é uma grande terra do futuro capaz de atrair desde já e por muito tempo a capacidade de trabalho de nacionais e estrangeiros que lá queiram aportar. É um grande cadinho [...] onde a festa magnífica das reações químicas do trabalho estrugirá de modo excepcional. (BACKHEUSER, 1926d, p. 2)

A coluna de Backheuser seria o primeiro artigo a fazer uma “análise” geopolítica nos moldes que conhecemos, isto é, buscando compreender e prever as relações de poder através da perspectiva geográfica, detalhando as características posicionais do Espírito Santo e enfatizando os possíveis cenários, ainda que centrado claramente no determinismo muito influente nos escritos do geopolítico brasileiro.

Ainda no ano seguinte, um artigo de teor semelhante seria publicado no jornal capixaba *Vida Capichaba*¹¹. Seguindo a tendência do seu anterior artigo, Backheuser continuaria a afirmar a sua perspectiva de desenvolvimento para o estado do Espírito Santo, com maior destaque, agora, para a tendência centralizadora, afirmando que “os Estados brasileiros, depois da inoportuna implantação do federalismo entre nós, estão se considerando como naçãozinhas independentes” (BACKHEUSER, 1927, p. 1). Para além da concepção centralista, fica também expresso no artigo do autor outra marca do seu pensamento: a afirmação dos moldes agrícolas do Estado brasileiro, posicionando-se diretamente contrário à corrente industrialista tão em voga no final do século XX no país. As suas críticas à industrialização se iniciavam com a afirmação de que “a fascinação pela indústria é, porém, formidável sobre todos os espíritos, mesmo os mais lúcidos, desde que esses lúcidos espíritos não queiram se demorar um pouco refletindo e deixem levar pelas aparências” (BACKHEUSER, 1927, p. 1).

O artigo se encerrava com o entendimento de que o Espírito Santo deveria voltar-se para a empresa agrícola, assim como toda a organização nacional, uma vez que

só assim se compreende o motivo pelo qual administrações passadas tivessem querido forçar no Espírito Santo o nascimento de indústrias em um Estado, que ainda é de nítida feição agrícola [...] traduziram apenas, com um pouco mais de evidência, a mórbida tendência industrialista de quase todos os estadistas brasileiros, que vivem desde os fins do Império e durante toda a República, a enforçar o povo nas tarifas alfandegárias e a banir do espírito popular as preocupações pelo desenvolvimento da

11 Ainda escrito com “ch”, segundo as normas gramaticais do período.

agricultura, expondo ao ridículo a frase tornada célebre de que “o Brasil é um país essencialmente agrícola”. (BACKHEUSER, 1927, p. 1)

Os apontamentos feitos pelo autor no seu artigo sobre o Espírito Santo não deixam de se destacar por um estilo de escrita própria da geopolítica que se instaura no Brasil, que busca traduzir em termos espaciais as relações entre o poder e a política. Após os escritos de Backheuser, o termo “geopolítica” ainda permaneceria restrito nos jornais do país, ganhando maiores referências ao final da década de 1930 e início da década de 1940, como destaca Vlach (2003). Entretanto, o geopolítico carioca não deixava de estabelecer as raízes do pensamento geopolítico brasileiro, mantendo, inclusive, a escrita de colunas sobre a geopolítica nos principais jornais do Rio de Janeiro.

Considerações finais

A geopolítica brasileira teve como seu primeiro meio de divulgação as colunas dos jornais cariocas. Utilizando-as para divulgar seu curso sobre a estrutura geopolítica do país, Everardo Backheuser difundiu não somente suas lições sobre a geopolítica, mas inaugurou uma nova perspectiva de abordagem sobre o território brasileiro.

Tendo seus escritos fundamentados nas noções de Kjéllen e Ratzel, o autor brasileiro ganhou espaço considerável nos meios jornalísticos do Rio de Janeiro, introduzindo neste meio as chamadas “análises geopolíticas”. Ainda que limitado em espaço durante a década de 1920, o termo “geopolítica” ganharia cada vez mais aceitação, tornando-se comumente utilizado nas décadas seguintes, e sendo Backheuser referenciado como relevante e, até mesmo, o fundador da geopolítica brasileira. A geopolítica, do modo como explicitava Backheuser, ganhou não somente os jornais, mas também passou a fazer parte das discussões que abarcavam a política externa e o desenvolvimento nacional.

A presente análise demonstrou as concepções deste autor um pouco antes do lançamento de sua principal obra sobre a geopolítica brasileira. Para além das características eugenistas, antirrepublicanas e centralizadoras do autor, expressas em seus escritos, os artigos publicados nos diários brasileiros também chamam a atenção pela aceitação e fácil penetração entre os círculos políticos e acadêmicos do país.

Sob certo ar erudito, a geopolítica no Brasil não deixou de ser uma área de estudo inaugurada com o fito de instrumentalizar o debate político, atrelando a este as peripécias do território nacional. Nesse aspecto, Everardo Backheuser foi fundamental, na medida em que inseriu sob a batuta da geopolítica não somente a relação entre o solo e o homem, mas também a política, esta última restrita aos métodos dessa “nobre ciência”, como frequentemente o autor denominava a geopolítica.

Bibliografia

- ACADEMIAS & escolas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1926a, p. 6.
- ACADEMIAS & escolas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1926b, p. 8.
- AMUSQUIVAR, Érika L.; PASSOS, R. D. F. dos. A gênese da geopolítica e sua difusão na história mundial. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 5, n. 1, 2018.
- ASSOCIAÇÃO brasileira de educação. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 maio 1926a, p. 4.
- ASSOCIAÇÃO brasileira de educação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1926b, p. 2.
- ASSOCIAÇÃO brasileira de educação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1926c, p. 2.
- ASSOCIAÇÃO brasileira de educação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1926d, p. 2.
- ASSOCIAÇÃO brasileira de educação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1926e, p. 3.
- ASSOCIAÇÃO brasileira de educação. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de ago. 1926f, p.2.
- BACKHEUSER, Everardo. *Estrutura Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado, 1926a.
- BACKHEUSER, Everardo. Espelho em que se mirar. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1926b, p. 2.
- BACKHEUSER, Everardo. Civilização e climas quentes: Rectificação a um artigo do senhor Couto e Silva. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 out. 1926c, p. 2.
- BACKHEUSER, Everardo. A paisagem cultural no Espírito Santo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 dez. 1926d, p. 2.
- BACKHEUSER, Everardo. Visão Clara e Mão Firme. *Vida Capichaba*, Vitória, 23 maio 1927, p. 1.
- CONFERÊNCIA sobre o Brasil na Alemanha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1924, p. 5.
- COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: EdUSP, 2008.
- CURSOS e conferências. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 jul.1926, p. 6.
- GONÇALVES, Mauro Castilho. A Cruzada Pedagógica pela Escola Nova e ação do professorado católico no Rio de Janeiro (final da década de 1920). *Educação Unisinos*. v. 22 n. 3, Jul. – Set. Disponível em <<https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.223.06/60746428>>. Acesso em 6 maio 2023.
- KJÉLLEN, Roudolph. *Der Staat als Lebensform*. Leipzig: Hirzel Verlag, 1917.
- . *Staten som lifsform*. Stockholm: Hugo Gebers Förlag, 1916, pp. I-XII, 188p. (Politiska Handböcker; III)
- . *Die Großmächte und die Weltkrise*. Leipzig und Berlin: B. G. Teubner, 1921, pp. I-IV, 249p.
- MASSARANI L. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. Rio de Janeiro: IBICT-ECO/UFRJ, 1998. Dissertação de mestrado.
- MIYAMOTO, Shigenoli. *Geopolítica e Poder no Brasil*. Campinas, SP, Papirus, 1995.
- RATZEL, Friedrich. *Politische Geographie*. Munique e Leipzig: R. Oldenburg, 1897.
- SANTOS, S.M.G. dos. *A cultura opulenta de Everardo Backheuser*. Os conceitos e as leis básicas da Geopolítica. Rio: Ed. Carioca de Engenharia, 1989.
- SCHWARTZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- SILVA, Golbery. do Couto. *Conjuntura Política Nacional: O Poder Executivo e Geopolítico do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981.
- SILVA, O. B. Couto e. A civilização e os climas quentes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 out. 1926, p. 2.
- VIDA social. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1926, p. 5.
- VLACH, Vânia Rubia Farias. Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros. *Terra Brasilis*. v.4, n.5, 2003. Disponível em <<http://terrabilis.revues.org/359>>. Acesso em 27 abr. 2023.

Everardo Backheuser and geopolitics in the newspapers: an analysis of the first publications on the subject in Brazil

Everardo Backheuser was one of the main precursors of Brazilian geopolitical thinking. His formulations reverberate to this day, supporting analyzes of the country's political and territorial situation. However, debates about how geopolitics has been incorporated into the public debate are scarce. This article aims to rediscover the columns written by Backheuser in the main newspapers of Rio de Janeiro during the year 1926, shortly before the launch of his main work, "Estrutura política do Brasil". To carry out such an analysis, we used the digital library, linked to the Fundação Biblioteca Nacional, in addition to the author's bibliography. The analysis showed that Brazilian geopolitics, despite being part of academic debates, was also incorporated into the main newspapers in the country in the 1920s.

KEYWORDS: geopolitics, newspapers, Backheuser, geography, politics.

Everardo Backheuser y la geopolítica em los periódicos: un análisis de las primeras publicaciones sobre el tema em Brasil

Everardo Backheuser fue uno de los principales precursores del pensamiento geopolítico brasileño. Sus formulaciones resuenan hasta el día de hoy, sustentando análisis de la situación política y territorial del país. Sin embargo, los debates sobre cómo se ha incorporado la geopolítica al debate público han sido escasos. Este artículo tiene como objetivo redescubrir las columnas escritas por Backheuser en los principales periódicos de Río de Janeiro durante el año 1926, poco antes del lanzamiento de su principal obra, "Estrutura política do Brasil". Para realizar tal análisis, se utilizó la biblioteca digital, vinculada a la Fundação Biblioteca Nacional, además de la bibliografía del autor. El análisis mostró que la geopolítica brasileña, a pesar de ser parte de los debates académicos, también se incorporó a los principales periódicos del país en la década de 1920.

PALABRAS CLAVE: geopolítica, periódicos, Backheuser, geografía, política.

Artigo recebido em maio de 2023. Aprovado em agosto de 2023.